

12

EVOLUÇÃO E FIM EM *PLANETA DOS MACACOS*

Fabiane Alves Martins

Recebido em 28 jan 2023.

Aprovado em 10 mai 2023.

Fabiane Alves Martins

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Mestre em Estudos de Literatura, Literaturas Estrangeiras Modernas, Literaturas Francófonas pela Universidade Federal Fluminense, 2020.

Membro do grupo de pesquisa Distopia e contemporaneidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6371366168097182>.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3841-5618>.

E-mail: alvesfabiane777@gmail.com.

Resumo: No romance *Planeta dos Macacos*, de 1963, o escritor Pierre Boulle nos apresenta a história de Ulysse Mérou, um jornalista que embarca em uma viagem interestelar em busca de vida inteligente. Em sua jornada, Ulysse encontra um planeta que espelha uma realidade distorcida da Terra, na qual o homem é destituído de cultura, comunicação verbal, leis e religião, tendo como espécie dominante o símio. Desse modo, a partir de uma inversão de papéis que critica os elementos mais básicos das sociedades humanas em sua relação com os animais, Boulle mergulha seu leitor em um mundo que viu o fim da raça humana como a conhecemos. Porém, ao tematizar um futuro desolador para o homem, o romance oferece uma detalhada visão do passado, baseada em teorias da evolução humana, como as

de Darwin (2018). Ao desconstruir uma determinada interpretação da evolução da vida, Boulle trabalha com a desmistificação de discursos redutores que estão na base de uma crença na superioridade humana sobre as demais espécies. Em meio aos ecos do que um dia teria sido a humanidade, a obra nos obriga a questionar a definição de humano, o que será refletido à luz das ideias do paleoantropólogo Pascal Picq (2014). Ao longo da narrativa, leitor e protagonista são levados a confrontar a fragilidade do conhecimento que o ser humano detém sobre a vida.

Palavras-chave: Pós-apocalíptico. Evolução. Animal.

Résumé: Dans le roman de 1963, *La Planète des Singes*, l'écrivain Pierre Boulle nous présente l'histoire d'Ulysse Mérou, un journaliste qui se lance dans un voyage interstellaire à la recherche de vie intelligente. Au cours de son voyage, Ulysse rencontre une planète qui reflète une réalité déformée de la Terre, dans laquelle l'homme est dépourvu de culture, de communication verbale, de lois et de religion, avec le singe comme espèce dominante. Ainsi, à partir d'un renversement des rôles qui critique les éléments les plus élémentaires des sociétés humaines dans leurs rapports aux animaux, Boulle plonge son lecteur dans un monde qui a vu la fin de l'espèce humaine telle que nous la connaissons. Cependant, en thématissant un avenir sombre pour l'homme, le roman offre une vision détaillée du passé, basée sur des théories de l'évolution humaine, comme celles de Darwin (2018). En déconstruisant une certaine interprétation de l'évolution de la vie, Boulle travaille à la démythification de discours réducteurs qui sont à la base d'une croyance à la supériorité humaine sur les autres espèces. Parmi les échos de ce que l'humanité aurait été un jour, l'œuvre nous oblige à interroger la définition de l'humain, ce qui sera réfléchi à la lumière des idées du paléanthropologue Pascal Picq (2014). Tout au long du récit, lecteur et protagonistes

ont amenés à confronter la fragilité des connaissances que l'être humain détient sur la vie.

Mots-clés: Post-apocalyptique. Évolution. Animal.

O casal de cosmonautas Jinn e Phyllis relaxa em sua nave de passeio, quando um objeto peculiar lhes desperta o interesse. Boiando no espaço, uma garrafa contendo uma narrativa de viagem conta a história de Ulysse Mérou, habitante do planeta Terra. É dessa forma que o leitor tem contato com a jornada que ocorrerá ao longo de *Planeta dos macacos*. Ulysse é um jornalista que faz parte do projeto ambicioso de viajar até a constelação de Órion, junto de sua tripulação, onde se encontra a estrela Betelgeuse, a 300 anos-luz da Terra. Em sua nave, Ulysse está na companhia do físico Arthur Levain e do professor Antelle, cientista-chefe da viagem. Sua missão consiste em encontrar vida inteligente, mas ao chegarem no planeta batizado de Soror, Ulysse e seus companheiros se deparam com um cenário completamente inesperado. Em uma estranha hierarquia, eles percebem que macacos, vestidos com roupas e dotados de uma fala parecida com a dos humanos, exercem seu domínio sobre homens situados em um momento anterior na escala evolutiva da espécie.

O romance, publicado em 1963 pelo escritor francês Pierre Boulle, baseia sua premissa na inversão de papéis entre homem e macaco, elemento responsável por colocar os valores mais íntimos do narrador em perspectiva. Segundo o paleoantropólogo Pascal Picq, “Boulle nos obriga a repensar nossa história evolutiva de um outro ponto de vista” (2014, p. 29)¹², uma vez que a obra

1 A tradução dos textos em língua estrangeira é de autoria nossa.

2 “Boulle nous oblige à repenser notre histoire évolutive d’un autre point de vue”.

apresenta a (des)construção de uma determinada interpretação da evolução da vida. Atuando sob o ângulo da antropologia, Picq será o fio condutor do presente trabalho devido às suas pesquisas em torno das origens do homem ao longo de uma história de dois milhões de anos, assim como seu compromisso com a desmistificação de discursos redutores que ainda perduram nas sociedades atuais e que servem de base para a crença em uma noção de superioridade humana. Segundo o teórico, o aspecto que melhor definiria o humano seria justamente a sua capacidade de formular a pergunta “O que é o humano?” (PICQ, 2014, p. 33)³, indicando como chaves para se entender sua evolução o bipedismo, o desenvolvimento cerebral da espécie, assim como sua consequente capacidade de questionar a própria existência. Em tais aspectos, o romance de Boule joga com pseudocertezas em torno de um ideal de humanidade, em uma narrativa de fim que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço.

HOMENS E MACACOS

No momento em que Ulysse aterrissa com sua nave, ele se vê perdido em um mundo inversamente parecido com a Terra. *Planeta dos macacos* se destaca por dar voz a uma espécie diferente do ser humano, espelhando, ironicamente, uma visão humana. A obra critica a centralidade de uma determinada forma de vida em detrimento de outras, trazendo como portadores dos princípios dessa sociedade primatas não-humanos, espécies geneticamente mais próximas do homem. Um estudo divulgado pela revista *Nature* sobre a proximidade genética entre humanos e chimpanzés comprovou que estes últimos são, de fato, nossos

3 “Qu’est-ce que l’humain?”.

parentes evolutivos vivos mais próximos, compartilhando conosco mais de 98% do DNA (MIKKELSEN, 2005, p. 1). A escolha de animais fisicamente tão próximos do homem permite uma maior facilidade de imaginar, em tais personagens, características e valores humanos. Além disso, ao mostrar a convivência entre homem e macaco, a obra problematiza a forma como o ser humano lida com as demais espécies, questionando o significado de humano em uma realidade na qual a evolução tomou rumos diferentes.

Desse modo, determinados aspectos da vida em Soror passam por uma visão questionadora da realidade terrestre através de Ulysse, principalmente em sua troca de experiências com Zira, a cientista chimpanzé que o auxilia em sua jornada. Logo, uma das mais importantes descobertas do narrador se encontra na história evolutiva do novo planeta:

De um tronco, que em sua base se perdia no desconhecido, diversos galhos destacavam-se sucessivamente: vegetais, organismos unicelulares, depois celenterados, equinodermos; mais acima, chegava-se aos peixes, aos répteis e aos mamíferos. A árvore prolongava-se com uma classe análoga à dos nossos antropoides. Nesse ponto, destacava-se um novo ramo: o dos homens. Este logo se interrompia, ao passo que o caule central continuava a subir, dando origem a diferentes espécies de macacos pré-históricos de nomes bárbaros, para finalmente atingir o *Simius sapiens*, representado pelos três vértices da evolução: o chimpanzé, o gorila e o orangotango. (BOULLE, 2015, p. 88, grifo do autor)

A fala de Ulysse estabelece uma relação entre a obra de Boulle e a teoria da evolução das espécies, de Darwin (2018, p. 286), através

da explicação de uma origem comum a todos os seres, em Soror. O termo *Homo sapiens* não existe aqui, representando o homem, mas temos, porém, o *Simius sapiens*, que introduz uma diferença fundamental no que concerne à história da vida como a conhecemos.

O percurso do símio na evolução da vida em Soror é igualmente explicado por elementos que dão base às teorias sobre a evolução do homem na Terra, relacionadas a sua forma de locomoção e ao uso de ferramentas, que se destacam como importantes conquistas da espécie em direção a um desenvolvimento cerebral e comunicacional, assim como de uma linguagem simbólica. Nesse sentido, uma das características consideradas até os dias atuais como distintiva entre o ser humano e os demais primatas é o bipedismo como modo primário de locomoção. Tal critério coloca em evidência um determinado momento na história da humanidade, tido como decisivo, no qual os primeiros hominídeos teriam saído das florestas em direção a lugares mais abertos, o que teria guiado nossa história evolutiva ao que somos hoje. Nas palavras de Picq, “É após a aquisição do bipedismo que tudo se encaixa ao longo de nossa evolução, como se um limiar biológico fosse ultrapassado [...] antes que acontecesse o que faz autenticamente o humano: linguagem, culturas, ferramentas, sociedades, artes” (2015, p. 28)⁴. Na obra de Boule, a noção de bipedismo também é igualmente invertida, ao passo que o desenvolvimento cerebral do símio teria uma explicação na quadrupedia:

O fato de sermos quadrúmanos é um dos fatores mais importantes de nossa evolução espiritual. Isso

4 “C’est après l’acquisition de labipédie que tout se met en place au fil de notre évolution, comme si un seuil biologique était dépassé [...] avant que n’arrive ce qui fait authentiquement l’humain: langage, cultures, outils, sociétés, arts”.

nos serviu em primeiro lugar para subirmos nas árvores, concebendo assim as três dimensões do espaço, ao passo que o homem, pregado no solo devido a uma má-formação física, adormecia no plano. Adquirimos traquejo com as ferramentas porque tínhamos a possibilidade de manipulá-las com habilidade. Seguiram-se os artefatos, e foi assim que alcançamos a sabedoria. (BOULLE, 2015, p. 89)

Através da explicação de Zira sobre a evolução do símio, o argumento que explica sua melhor adaptação em Soror, em relação ao humano, seria o uso de quatro patas ao invés de duas. Ao desvalorizar a evolução do homem, o bipedismo e a saída do mundo das árvores para a terrestre passam a se tornar características que teriam contribuído não para o desenvolvimento do cérebro, mas para sua estagnação, na visão dos símios. A marcha sobre quatro patas teria, assim, um papel inverso, nesse aspecto, visto que teria permitido ao símio uma maior agilidade no uso de ferramentas, um fator que também aparece na obra ligado ao desenvolvimento de um saber avançado na espécie.

Tal passagem se apresenta como uma crítica ao valor absoluto contido nas teorias científicas em torno da origem do homem, visto que elas dependem da interpretação de fatos, o que não as isenta da presença de ideologias. O maior problema em torno da noção de bipedismo teria sua origem, assim, na “relação entre o homem bípede e as outras espécies quadrúpedes mais próximas, com uma imagem fixa em nossas representações” (PICQ, 2015, p. 39)⁵. Desse modo, *Planeta dos macacos* trabalha diferentes interpretações em torno de um mesmo aspecto evolutivo, desconstruindo uma

⁵ “relation entre l’homme bipède et les autres espèces quadrupèdes les plus proches avec une image figée dans nos représentations”.

visão fixa e unilateral calcada no imaginário popular das sociedades ocidentais, além de utilizar a sátira como forma de chamar a atenção para o absurdo contido em discursos redutores que perpetuam uma ideia de superioridade da espécie humana na Terra.

Nesse ponto, Zira continua sua explicação, ao mostrar que o macaco não descenderia do homem, pois ambos pertenceriam a “ramos diferentes, que evoluíram, a partir de determinado ponto, em direções opostas, os primeiros alçando-se pouco a pouco até a consciência, os outros estagnando em sua animalidade” (BOULLE, 2015, p. 87). Tal fala coloca o símio em uma ideia de evolução ascendente e constante, mas desconsidera o percurso do ser humano, mesmo ele tendo passado, igualmente, por um processo evolucionário. Tal ideia persiste nas teorias de Soror por partir de parâmetros ligados ao símio, não ao humano, o que coloca este último em uma eterna comparação da qual nunca poderá ganhar. Ao trazer um exemplo desse mesmo tipo de discurso, Picq cita a introdução da grande enciclopédia, chamada *História Natural*, escrita no século XVIII pelo Conde de Buffon, que discorre sobre o bipedismo nos homens:

Tudo no homem marca, mesmo externamente, sua superioridade sobre os seres vivos; ele se mantém ereto e elevado, sua atitude é a de comando, sua cabeça vê o céu e apresenta uma face augusta na qual está impresso o caráter de sua dignidade [...] ele toca a terra apenas por suas extremidades mais distantes, ele a vê apenas de longe, e parece desprezá-la; os braços não lhe são dados para servir de pilar de sustentação para a massa de seu corpo, sua mão não deve pisar na terra e perder, por reiteradas fricções,

a sutileza do toque, do qual é o principal órgão.
(BUFFON apud PICQ, 2015, p. 41-42)⁶

O discurso acima se afirma enquanto exemplo de uma tradição ocidental baseada na inferiorização do outro, o que Boule vai criticar ao longo de seu romance nos discursos do símio e do narrador. Porém, tal tradição não é somente representativa do passado. Em suas análises, Picq vai condenar a presença ainda constante de traços desse mesmo tipo de discurso na atualidade. Ele menciona, assim, uma “visão deformada do que foi nossa história evolutiva” (2014, p. 20)⁷, motivo pelo qual se torna imperativo desconstruir pseudocertezas remanescentes sobre a evolução do homem. Segundo ele, a respeito da noção de superioridade da nossa espécie, “ontem como hoje, essa certeza não cessa de distorcer as pesquisas sobre as origens e a evolução da linhagem humana, se não para prejudicá-las” (PICQ, 2014, p. 22)⁸.

UMA CONSTRUÇÃO DE HUMANIDADE

Após sua aterrissagem em Soror e de suas incursões com os nativos, Ulysse é capturado e levado a um laboratório junto de outros homens, entre os quais se encontra Nova, por quem o narrador desenvolve uma afeição. Logo, o grupo é dirigido para uma série de experimentos que investigam o desenvolvimento do intelecto em

6 “Tout marque dans l’homme, même à l’extérieur, sa supériorité sur les êtres vivants; il se tient droit et élevé, son attitude est celle du commandement, sa tête regarde le ciel et présente une face au geste sur laquelle est imprimé le caractère de sa dignité [...] il ne touche la terre que par ses extrémités les plus éloignées, il ne la voit que de loin, et semble la dédaigner ; les bras ne lui sont pas donnés pour servir de pilier d’appui à la masse de son corps, sa main ne doit pas fouler la terre, et perdre par des frottements réitérés la finesse du touché dont elle est le principal organe”.

7 “visiondéformée de ce qu’a été notre histoire évolutive”.

8 “hier comme aujourd’hui, cette certitude ne cesse de biaiser les recherches sur les origines et l’évolution de la lignée humaine, si ce n’est de les brimer”.

homens, de modo que Ulysse utiliza seus conhecimentos científicos da Terra para se sobressair em meio aos camaradas de cela e provar sua inteligência aos macacos. O que o autor estabelece em tais cenas é a construção de um vínculo entre superioridade símia e capacidades mentais, o que torna Ulysse um agente ameaçador à ordem estabelecida nessa sociedade.

Em sua posição de prisioneiro, Ulysse observa atentamente os detalhes desse novo mundo, decidindo desde o início de sua captura fazer o que fosse preciso para estabelecer contato com os macacos. Quando consegue mostrar a Zira quem ele é, o narrador lhe pergunta se os símios seriam realmente “as únicas criaturas pensantes, os reis da criação no planeta” (BOULLE, 2015, p. 86), no que ela responde que “o macaco é, naturalmente, a única criatura racional” (BOULLE, 2015, p. 86). Entretanto, no que se refere aos homens de Soror, estes são considerados intelectualmente inferiores tanto pelos símios quanto por Ulysse. Conforme o narrador percebe no grupo humano, durante os exercícios, uma grande dificuldade em utilizarem um pensamento lógico para a resolução de problemas, seus resultados lhe despertam “vergonha da obtusidade daqueles homens” (BOULLE, 2015, p. 73). O motivo de tamanha dificuldade se dá, segundo as notas do narrador, devido ao fato que “o psiquismo do homem não era suficientemente desenvolvido a ponto de lhe permitir estabelecer uma relação de causa e efeito” (BOULLE, 2015, p. 68).

Durante o período em que permanece preso, Ulysse se dedica ao estudo da sociedade símia e aprende sua língua, com o objetivo de mostrar aos magistrados do planeta que ele é diferente de seus companheiros de cela. Em cada oportunidade que surge, ele tenta

provar seu valor através de habilidades mentais, sendo, porém, repetidamente desconsideradas, pelo fato de Ulysse ser um homem e não um macaco. Sendo assim, apesar de seus esforços, os símios veem seus talentos atribuídos a “uma grande aptidão à imitação” (BOULLE, 2015, p. 75). O narrador é compreendido como “um animal inteligente, talvez, mas de forma alguma, intelectual” (BOULLE, 2015, p. 81), ou ainda “um homem amestrado, isto é, um homem que foi ensinado a realizar determinados atos sem compreendê-los” (BOULLE, 2015, p. 97).

Os símios não conseguem conceber a ideia de que um homem possa apresentar o mesmo nível de inteligência que eles, entendidos como os únicos seres racionais do planeta. Sendo assim, Boulle problematiza em seu romance a utilização de capacidades mentais enquanto base para a noção de superioridade de uma espécie sobre as demais. Saindo da obra, podemos constatar que o termo *Homo sapiens*, que significa em latim *homem sábio*, faz recair sobre nossa espécie as noções de conhecimento, cultura e razão, para citar alguns poucos sentidos ligados à imagem que fazemos de nós mesmos.

De fato, o desenvolvimento cognitivo ocorrido durante a evolução de nossa espécie teria nos dado as ferramentas necessárias à revolução simbólica que propiciou os questionamentos em torno do ser. A partir do momento em que o homem teria começado a questionar sua própria existência, ele teria iniciado um processo de afastamento do mundo natural, o que levaria finalmente a uma negação de sua condição animal. Desse modo, Picq chama a atenção para dois termos essenciais em nossa discussão: “o

homem e o humano” (2003, p. 32)⁹. Na visão do teórico, enquanto o primeiro indicaria uma espécie animal em termos biológicos, o segundo constituiria um conceito filosófico, correspondendo à noção abstrata que o homem faz de si mesmo, em relação ao mundo à sua volta.

A forma como o homem entende o mundo em torno de si é fundamental para começarmos a formular uma ideia em torno do conceito de humano. Segundo Picq, a noção de superioridade da espécie teria sua origem nas pseudocertezas que ressoam em um imaginário ligado à história do homem no planeta. O autor relaciona, assim, tal noção de superioridade à forma como o homem concebe o mundo a sua volta, e não a uma característica biológica intrínseca ao ser humano, conceito entendido por ele como “de fato uma invenção dos homens, que se baseia em nossa herança evolutiva compartilhada, mas [que] não é uma evidência” (PICQ, 2003, p. 64)¹⁰.

Sendo assim, em *Planeta dos macacos*, qualquer resposta aos experimentos passados aos humanos é vista como resultado de puro instinto. O cientista-chefe inicia, assim, seu relatório admitindo que Ulysse seria “um homem de instintos particularmente aguçados, mas concluindo por uma total ausência de consciência” (BOULLE, 2015, p. 111). Desse modo, em meio aos experimentos conduzidos nos homens em cativeiro, destaca-se um teste sobre a sexualidade humana. Nas jaulas ao seu redor, inicia-se um ritual, que Ulysse caracteriza como “uma coreografia bem similar à praticada por certas aves” (BOULLE, 2015, p. 77).

⁹ “l’homme et l’humain”.

¹⁰ “est bien une invention des hommes, qui repose sur notre héritage évolutif partagé, mais n’est pas une évidence”.

Conforme os casais se entregam a esse ritual, Ulysse logo percebe, não sem considerável relutância, que os macacos esperam que ele também desempenhe relações sexuais com Nova, sua companheira de cela, diante de todos. Espera-se uma resposta instintiva de Ulysse, em um experimento que o protagonista caracteriza como um “escândalo” (BOULLE, 2015, p. 78). Mas, após diversas recusas e pelo medo de perder Nova, Ulysse se descontrola e aceita, finalmente, se submeter a tal exigência. Sua fala nessa cena tem um grande peso na obra, pois mostra como o narrador enxerga a si mesmo, enquanto um homem da Terra:

Sim! Eu, um dos reis da criação, comecei a rodopiar em torno da minha beldade. Eu, a derradeira obra-prima de uma evolução milenar, perante todos aqueles macacos reunidos a me observar com ansiedade, perante um velho orangotango que ditava comentários à sua secretária, perante um chimpanzé fêmea que sorria com ar complacente, perante dois gorilas sarcásticos, eu, um homem, invocando a desculpa das circunstâncias cósmicas excepcionais, plenamente convencido naquele instante de que existem mais coisas nos planetas e no céu do que jamais sonhou a filosofia humana, eu, Ulysse Mérrou, dei início, à maneira dos pavões, em torno da maravilhosa Nova, à dança do amor. (BOULLE, 2015, p. 79)

Apesar de cativo no mundo símio, o personagem principal da obra não é caracterizado como diferente daqueles que o inferiorizam. Se Ulysse se sente, em diversos momentos, ultrajado pela forma como é tratado, isso se dá pelo fato de ser um homem da Terra. Se analisarmos a caracterização que ele faz de si mesmo na passagem acima, veremos que Ulysse coloca no mesmo patamar

as denominações *homem, um dos reis da criação e derradeira obra-prima de uma evolução milenar*, o que entrevê, como o narrador mesmo aponta em outro momento, sua “prepotência de homem da Terra” (BOULLE, 2015, p. 130). Essa passagem é igualmente caracterizada por uma repetição da palavra *eu*, o que ajuda na construção de um traço de arrogância no personagem.

Esse traço em seu caráter é explorado durante seu cativeiro, uma vez que o narrador deseja, ao máximo, se destacar de seus companheiros humanos, para que seja notado pelos cientistas como um ser de inteligência elevada. Isso se deve a uma aversão pelo comportamento manifestado pelos homens, que Ulysse qualifica como característico de “animais cativos” (BOULLE, 2015, p. 61), ao rodopiar nas jaulas. Percebendo por um momento que agia igual a eles, Ulysse descreve: “senti-me humilhado e me obriguei a sentar em frente à grade, assumindo uma atitude tão humana, tão pensativa quanto possível” (BOULLE, 2015, p. 61). Na fala de Ulysse, a palavra *humana* é diretamente relacionada a uma noção de inteligência, sendo que, em seus gestos mais simples, o narrador tenta passar uma imagem diferenciada, como ao pegar um torrão de açúcar: “inclinei-me e trinquiei-o com um ar tão inteligente quanto possível” (BOULLE, 2015, p. 63). Ulysse começa a “sentir orgulho de ser o sujeito fora do comum, o único a merecer um tratamento privilegiado” (BOULLE, 2015, p. 63-64).

A obra traz, desse modo, uma série de passagens que transitam em meio aos pontos de vista do narrador humano e dos cientistas símios, permitindo um questionamento sobre a apropriação de determinadas habilidades como exclusivas de uma única espécie. Tal restrição faria parte de uma construção problemática de

ser humano, enquanto detentor de razão, inteligência, cultura e linguagem complexa, o que faria dele, portanto, superior a qualquer outra forma de vida. Tais características atuam como supostas evidências irrefutáveis da superioridade humana e de sua consequente sacralidade em oposição a outras espécies, o que é combatido na obra através da sátira. O romance se destaca, assim, por expressar a necessidade de uma ressignificação do lugar desse homem no planeta.

DESCONSTRUINDO CERTEZAS

A ciência é uma das bases mais importantes do planeta Soror, servindo ao progresso dessa sociedade na busca de respostas em torno do passado do símio. Porém, o romance aborda a presença de vestígios de uma religiosidade antiga que teria influenciado teorias científicas reconhecidas pelos símios. Como vimos anteriormente, o fato de Ulysse ser um homem se torna um obstáculo para que ele seja visto como um ser racional e inteligente, o que não apenas vai de encontro às teorias científicas como também contradiz dogmatismos religiosos que veem o símio como o único ser capaz de ter uma alma. Assim, a relação entre ciência e religião será desenvolvida durante a obra, uma vez que ela se destaca, igualmente, como um critério que dá base à noção de superioridade humana, não impedindo, porém, o confronto do passado por ambas as espécies na busca de respostas em torno de suas origens.

A relação entre ciência e religião aparece em diversos momentos, nas tentativas de Ulysse de interpretar as evidências encontradas pelos símios sobre a evolução. Um exemplo de interpretação se dá com o desenvolvimento de uma linguagem

complexa nos macacos, que é tida por Zira como fundamental no processo evolutivo da espécie. Ulysse, porém, atenta para o fato de que “as opiniões dos cientistas divergiam quanto a esse ponto. Alguns atribuíam o fato a uma misteriosa intervenção divina. Outros sustentavam que a inteligência do macaco resultava de ele possuir quatro mãos ágeis” (BOULLE, 2015, p. 89). Do mesmo modo, essa disputa epistemológica se encontra no mito de criação do universo em Soror:

De um século para cá [...] fizemos progressos notáveis no conhecimento das origens. Antigamente, acreditava-se que as espécies eram imutáveis, criadas com suas características atuais por um Deus todo-poderoso. Mas uma linhagem de grandes pensadores [...] mudou completamente nossas ideias a esse respeito. Sabemos que provavelmente todas elas tiveram uma raiz comum. (BOULLE, 2015, p. 87)

Porém, mesmo tendo ancorado a compreensão da origem do universo em uma visão científica, vestígios de uma interpretação religiosa permeiam a fala de Zira, que associa a racionalidade à “essência sobrenatural da alma simiesca” (BOULLE, 2015, p. 86). Assim, a presença de uma alma se tornaria um diferencial em relação a outras espécies, o que se soma à descoberta de Ulysse sobre uma profecia feita por um macaco, milênios antes, de que apenas os símios poderiam ter alma. Ao apontar a divergência, nesse ponto, entre os teóricos, é dito que “os cientistas estavam divididos em dois clãs, os que recusavam qualquer tipo de alma a um animal e os que viam apenas uma diferença de grau entre o psiquismo das bestas e dos símios” (BOULLE, 2015, p. 111). No que se refere a Ulysse, enquanto um homem da Terra, ele se define

como sendo uma criatura pensante, assim como “uma alma que habita paradoxalmente este corpo humano” (BOULLE, 2015, p. 117). Ulysse assinala que entende ser algo inconcebível para os símios um humano possuir alma, motivo pelo qual ele usa a palavra *paradoxalmente*. Referindo-se à Terra, o narrador declara que, do lugar de onde ele veio, “foi na raça humana que o espírito encarnou” (BOULLE, 2015, p. 118). Fazendo alusão ao espírito divino, que teria escolhido o homem como seu receptáculo na Terra ao invés do macaco, mais uma vez Ulysse apela para a capacidade dos símios de enxergarem sua situação para além da realidade que conhecem. O problema é que a simples presença de Ulysse em Soror coloca em questão os maiores valores e teorias científicas nos quais essa sociedade está baseada.

A influência de dogmatismos religiosos na ciência é algo abordado por Boulle, de forma que impede que os símios consigam avaliar com clareza determinadas evidências, além de perpetuarem uma concepção de mundo que apoia sua própria espécie acima das outras. Boulle questiona, assim, a ciência humana, influenciada pelos valores da sociedade na qual está ancorada, que impedem que o homem veja uma realidade que está além dele mesmo, colocando-se no lugar de outras espécies.

Quando Darwin lança *A origem das espécies*, em 1859, ele apresenta sua teoria da seleção natural, o que se torna uma linha divisória no pensamento moderno. Ele explica que a natureza parece favorecer indivíduos mais aptos em determinados meios. Habilidades específicas à sobrevivência das espécies seriam adaptadas em dada população através de gerações, o que representa uma concepção de mundo completamente diferente do

racionalismo clássico, como mostra Ladislav Kováč ao destacar o impacto de Darwin sobre o pensamento do século XIX:

Nenhum designer racional estava presente no início, e a vida é uma luta por recursos escassos que condicionam a estabilidade dos organismos ou, colocado de outra forma, sua onticidade. Tudo o que aumenta a chance de sobrevivência é “bom”, e tudo o que a põe em perigo é “ruim”. Seres vivos que se encaixam menos em seu ambiente perecem, os mais aptos sobrevivem e a razão é conquistada: mas essa razão vem *post factum*, não está presente desde o início, como supunham Newton, Kant ou Lamarck. Darwin nos apresenta a Ontologia do Mal. (KOVÁČ, 2019, p. 1)¹¹

Kováč explica, na passagem acima, como as descobertas de Darwin representaram uma revolução no conhecimento da vida a partir do embate entre ciência e religião. A visão do naturalista inglês colocava em jogo a ideia de superioridade da vida humana, uma vez que seu criador original fora retirado da equação. Sua teoria influenciou, assim, o desligamento de uma palavra essencial, até então, no que se referia à evolução: a *inerência*. Quando Darwin afirma que o motivo da existência de uma espécie se dá pela sua melhor adaptação ao ambiente, essa explicação faz cair por terra qualquer noção de destino ou vontade divina, tidas como inatas no ser humano.

Com Darwin, o homem deixa de ser entendido como o escolhido divino. Porém, Picq aponta para a existência de interpretações

11 “No rational designer was present at the beginning, and life is a struggle for scarce resources that conditions organisms’ stability, or, put differently, their onticity. Whatever increases the chance to survive is “good”, and whatever endangers it, is “bad”. Living beings that fit less into their environment, perish, the fittest ones survive and reason is gained: but this reason comes *post factum*, it is not present from the beginning as Newton, Kant or Lamarck surmised. Darwin presents us the Ontology of Evil”.

igualmente errôneas da teoria de Darwin, que colocam mais uma vez o ser humano em uma posição central na história da vida, sendo essa uma interpretação criticada pelo paleoantropólogo, ao afirmar que “a evolução da linhagem humana não se assemelha, logo, em nada a um projeto guiado por uma finalidade” (PICQ, 2014, p. 5)¹², uma noção que ele detalha abaixo:

Seguindo uma visão incorreta da teoria da evolução, as reconstituições da história da vida [...] serão interpretadas segundo um processo orientado para o surgimento do homem. Dito de outra forma, o que é compreendido como uma finalidade se impõe como um processo moldado de certezas: se assim foi, deve sê-lo. Haveria, portanto, apenas um caminho completo da evolução, todas as outras linhagens, especialmente aquelas mais próximas do homem, sendo consideradas inacabadas, incompletas, caóticas, etc. (PICQ, 2014, p. 23)¹³

Identificando a existência de tais interpretações errôneas, Picq explica o problema situado na perpetuação de uma visão que coloca o homem atual como uma finalidade, após diversas versões anteriores falhas. Em uma imagem bastante característica do percurso evolutivo do ser humano, em que são mostradas espécies cada vez mais eretas, uma após a outra, o *Homo sapiens* aparece como último integrante de “uma verdadeira procissão

12 “l’évolution de la lignée humaine ne ressemble donc en rien à un projet guidé par une finalité”.

13 “Suivant une vision incorrecte de la théorie de l’évolution, les reconstitutions de l’histoire de la vie [...] seront interprétées selon un processus orienté vers l’émergence de l’homme. Autrement dit, ce qui est compris comme une finalités impose comme un processus pétri de certitudes: s’il en a été ainsi, c’est qu’il devait en être ainsi. Il n’existerait donc qu’une seule voie achevée de l’évolution, toutes les autres lignées, surtout les plus proches de l’homme, étant considérées comme inachevées, inabouties, chaotiques, etc”.

com ancestrais humanos caminhando como velhos curvados” (PICQ, 2014, p. 9)¹⁴. O que Kováč demonstra, no que se refere ao conhecimento em torno da evolução das espécies, é que durante séculos, mesmo após o surgimento de teorias que se desligavam de uma concepção criacionista, o homem permanecia visto como uma peça central no desenvolvimento da vida (KOVÁČ, 2019, p. 2), o protagonista na história do planeta, enquanto outras espécies precisavam se contentar em dividir seu espaço como coadjuvantes ou meros cenários.

Planeta dos macacos traz, assim, uma crítica à visão do homem sobre o animal, através da representação de um embate epistemológico na base da sociedade símia. Ao mesmo tempo, o romance mostra um caminho evolutivo diferente do que é traçado pelo homem na Terra, o que questiona certezas em torno do passado da vida. Ulysse começa, assim, a ponderar as diferentes explicações sobre a origem das espécies providas na Terra pelos homens e em Soror pelos símios: “Na Terra, eu ouvira muita gente invocando argumentos opostos para explicar a superioridade do homem. Pensando bem, todavia, o raciocínio de Zira não me pareceu nem mais nem menos convincente que o nosso” (BOULLE, 2015, p. 89-90).

Durante sua experiência em Soror, Ulysse se vê dividido entre dois mundos, o primeiro ligado biologicamente a sua espécie e ao qual ele não se vê na posição de virar as costas, e o segundo, que corresponde às suas aspirações e valores de progresso e cultura. As pesquisas científicas e os dogmas religiosos que buscam interpretar

14 “une véritable procession avec des ancêtres de l’homme marchant comme des vieillards courbés”

o lugar do símio no universo funcionam, para Ulysse, como um espelho de sua própria realidade. Assim, a obra critica fortemente as estruturas sociais, disfarçadas em ideais de progresso, assim como de espiritualidade, que terminam por privilegiar perigosamente o ser humano acima de tudo. Devido a sua experiência em ambos os planetas, Ulysse se torna capaz de questionar valores inerentes às perspectivas de ambas as espécies, sem deixar, porém, de ser uma ameaça aos macacos, motivo pelo qual ele deve partir do planeta.

UMA NARRATIVA DE FIM

Apesar das descobertas e reflexões de Ulysse ao final de sua jornada, este não é o único que deve confrontar as próprias certezas. Uma escavação empreendida na região choca toda a comunidade científica dos macacos ao revelar fósseis de uma civilização humana antiga. A importância dessa evidência reside na descoberta de um período em Soror, anterior às escrituras símias, no qual o homem era o ser dominante do planeta, o que vai de encontro às pesquisas apresentadas até esse momento sobre o passado das espécies. Os símios, que pensavam ter construído as bases da sociedade em que vivem, devido a sua inteligência avançada, acabam se dando conta de que não fizeram nada além de adotar um modelo de sociedade humana, por meio de um processo de imitação, o que os frustra gravemente. O narrador percebe, desse modo, o sofrimento dos macacos frente à incerteza sobre sua própria história, o que leva Ulysse a se perguntar se a obscuridade da espécie em relação ao seu próprio passado e futuro não seria o motivador principal das pesquisas em torno do homem: “Seria esse o sentimento que insufla uma espécie de frenesi na pesquisa biológica e que dá orientação

tão peculiar às suas atividades científicas?” (BOULLE, 2015, p. 106). Do mesmo modo, ao refletir sobre seu próprio planeta, Ulysse menciona o sentimento de redescoberta, que teria uma forte influência sobre os humanos: “Talvez fosse mesmo universalmente disseminada e talvez servisse de base para nossa crença num Deus” (BOULLE, 2015, p. 133). Após um longo período de observações e interações com a sociedade símia, Ulysse conclui que a busca por uma origem e um propósito é um motivador fundamental tanto em humanos como em macacos.

Tal motivador é encontrado nas pesquisas científicas do planeta, que são voltadas para a compreensão do símio e de sua origem. Se o homem é utilizado como cobaia para testes, é devido ao fato de seu cérebro ser o que mais se aproxima do símio em sua anatomia: “É uma sorte a natureza ter colocado à nossa disposição um animal no qual podemos estudar nosso próprio corpo. O homem é útil para muitas outras de nossas pesquisas” (BOULLE, 2015, p. 97). Assim, o desenvolvimento de testes laboratoriais em torno do homem com o objetivo de compreender o símio traz para a obra a discussão sobre as motivações do uso irresponsável de animais não humanos em experiências científicas, uma vez que esses animais são entendidos pela ciência e, igualmente, pelas leis que a protegem, como recursos necessários e descartáveis. Além disso, a obra questiona o direito que o homem outorga a si mesmo de manipular esses animais com a justificativa de obtenção de conhecimento em torno do humano.

Logo, uma descoberta se soma às escavações conduzidas, em relação ao evento cataclísmico que teria causado a mudança de paradigmas entre as espécies. Os símios descobrem que uma “preguiça cerebral” (BOULLE, 2015, p. 163) foi a causa do fim da

sociedade humana, dez mil anos antes. Paralelamente ao mesmo período, os símios teriam conseguido tomar o lugar dos humanos devido ao desenvolvidor de habilidades mentais:

O que nos aconteceu era previsível. Uma preguiça cerebral apoderou-se de nós. Fim dos livros; até os romances policiais tornaram-se uma fadiga intelectual excessiva. Fim dos jogos; das vitórias a rigor. Até o cinema infantil não nos atrai mais. Enquanto isso, os macacos meditam em silêncio. Seu cérebro desenvolveu-se na reflexão solitária [...] E falam. Oh! (BOULLE, 2015, p. 163)

Após a expulsão dos humanos das cidades, estes últimos se refugiaram nas florestas enquanto os símios desenvolveram sua estrutura social. Logo, o homem foi novamente submetido às leis da natureza, sem a fagulha divina que o tornava singular. A era de domínio do humano no planeta teve um fim, ao passo que a do símio se iniciou. O intelecto, antes definidor do homem, é ironicamente usado contra este, limitando-o em número e o expulsando dos meios urbanos. Ao final da obra, Ulysse deve se resignar com o papel de um simples observador que vê as características das quais a espécie humana é tão orgulhosa presentes em uma espécie anteriormente menosprezada.

Unindo passado e futuro, o romance se destaca como uma narrativa de fim alegórica, na qual humano e não humano ganham novos significados. As pseudocertezas em torno de uma noção falha de superioridade tornaram-se fortes bases das sociedades ocidentais desde seus primórdios, prejudicando cada vez mais a maneira como o homem entendia a vida ao seu redor. Porém, “a vida inova e se adapta em um mundo de

incertezas” (PICQ, 2014, p. 19)¹⁵ e *Planeta dos macacos* nos traz justamente a fragilidade das certezas em torno da vida. Apesar de toda a tecnologia disponível atualmente, inúmeras perguntas permanecem sem resposta, sendo que talvez algumas delas nunca possam ser respondidas, o que chama a atenção do leitor para novas possibilidades de leitura desse passado, assim como para o papel do homem nos desdobramentos futuros.

REFERÊNCIAS

- BOULLE, Pierre. *La planète des singes*. Paris: Pocket, 1963.
- BOULLE, Pierre. *O planeta dos macacos*. São Paulo: Aleph, 2015.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Edipro, 2018.
- KOVÁČ, Ladislav. Lamarck and Darwin revisited. *EMBO Reports*, n. 4, v. 20, apr., 2019. Available at: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6446194/>. Accessed on: 7 Mar. 2022.
- MIKKELSEN, Tarjei *et al.* The Chimpanzee Sequencing and Analysis Consortium. Initial sequence of the chimpanzee genome and comparison with the human genome. *Nature*, v. 437, p. 69-87, 2005. Available at: <https://www.nature.com/articles/nature04072.pdf>. Accessed on: 10 Apr. 2022.
- PICQ, Pascal; SERRES, Michel; VINCENT, Jean-Didier. *Qu'est-ce que l'humain?* Dijon: Le Pommier, 2003.
- PICQ, Pascal. Homo et la fin des certitudes. *Communications*, Paris, n. 95, p. 19-30, fév., 2014. Disponible sur: <https://www.cairn.info/revue-communications-2014-2-page-19.html>. Consulté le: 7 juin 2021.
- PICQ, Pascal. *La marche*: Sauver le nomade qui est en nous. Paris: Flammarion, 2015.

15 “la vie innove et s’adapte dans un monde tissé d’incertitudes”.